

VISÃO DO CORREIO

Briga no futebol expõe diversas falhas sociais

Cada briga generalizada que jogadores e torcedores de futebol protagonizam nos estádios brasileiros, o repúdio da maior parte da sociedade logo surge. O termo “cenas lamentáveis” foi tão usado por narradores para classificar os atos de selvageria que se tornou folclórico, assim como o uso do verbo “manchar”, como se aquele filme repetido comprometesse o espetáculo. Tais categorizações são justíssimas para rotular batalhas campais — como a ocorrida no Mineirão, no último domingo, entre Cruzeiro e Atlético pelo campeonato mineiro, com 23 expulsões de ambos os lados. No entanto, elas pouco influenciam o debate público.

A verdade é que a maior parte dos torcedores que acompanharam a pancadaria in loco ou a distância analisa a briga com viés de pertencimento. Como se a violência e a ignorância fossem valores inquestionáveis do esporte, um retorno às raízes.

Ignora-se, em primeira instância, que atos como o ocorrido no Mineirão reproduzem símbolos importantes da fragmentação do futebol latino-americano. O machismo e o ganguismo manifestados pelos jogadores de Atlético e Cruzeiro são elementos tão presentes num estádio de futebol quanto as traves e as redes do gol.

Em primeira análise, a reação explosiva, que de “cabeça quente” não tem nada, tem sempre prioridade quando o homem, neste caso específico, o goleiro Everson, é colocado em posição inferiorizada. Diante do revés próximo para o maior rival, o jogador não tem outra opção a não ser recorrer à virilidade, como se ela fosse suficiente para reverter o quadro em questão. São reações também vistas a cada apito final da Copa Libertadores, quando os derrotados, sem outra alternativa, partem para a pancadaria.

Em segundo passo, aparecem elementos

do ganguismo. Ao ver seu companheiro agredido, os jogadores transformam o campo de futebol em uma arena de luta e levam o estádio para a Roma de Trajano, o imperador conhecido por organizar os maiores jogos da história da capital italiana, com milhares de gladiadores.

A categorização da briga como algo que pertence ao campo de jogo é tão marcante que o atacante argentino Tomás Cuello, do Atlético, tem sido cobrado pelos torcedores por ter tentado separar os colegas viris. Em uma inversão de valores evidente, quem recusa a reprodução da violência recebe cobranças semelhantes às de um pênalti perdido.

Nos dias que sucedem à tragédia — aqui o uso mais teatral do termo, ligado à catarse (busca pela purificação emocional a partir, entre outras coisas, do terror) — a opinião pública recorre a um repositório conhecido: cobra-se punições e ganchos pesados para os gladiadores de chuteira e meios, como se isso fosse suficiente para resolver o problema.

Assim como a punição contra as torcidas organizadas não surte qualquer efeito há décadas, o gancho pesado contra os atletas de Atlético e Cruzeiro não resolve a raiz do problema. Isso quer dizer que eles mereçam a impunidade, mas, se não há investimento em educação para promover um debate sério sobre a reprodução da violência no esporte, pouco adianta deixar um jogador fora de algumas partidas — se é que haverá qualquer tipo de sanção.

Nesse cenário, é preciso dizer o óbvio: a naturalização da violência no esporte é mais uma representação de um mal social de fácil diagnóstico, mas de difícil — ou ignorada — resolução. Uma sociedade violenta gera comportamentos também violentos, que se espalham por diversos espaços, entre eles o campo de futebol.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
 » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Escala 6X1

Excelente o artigo do Roberto Brant publicado no **Correio** de 9 de março a respeito da mudança na Escala 6x1. Acertou em cheio quando falou sobre “o oportunismo e a falta de espírito público de governantes e legisladores”. Na verdade, é uma proposta eleitoreira do Executivo e do Legislativo visando às eleições de 2026, sem qualquer compromisso com a economia do país, como um todo. Na mesma edição, o economista Mailson da Nóbrega sinalizou que “Fim da jornada 6x1 é inflação na veia”. As propostas em curso foram idealizadas por pessoas que nunca tiveram uma empresa, ou seja, nunca produziram nada, nem emprego, nem renda, nem riqueza. São pessoas que viveram e vivem da política, e não para a política. Falam em copiar os países desenvolvidos, esquecidos de que o Brasil não atingiu tal patamar, talvez por praticar políticas errôneas, assim como essa do fim da jornada 6x1. Se o Brasil está entre as maiores economias do mundo, devemos isso exclusivamente aos empresários, ao setor privado e a algumas estatais que foram privatizadas. Creio que o sistema atual de negociações coletivas entre empregadores e empregados para jornadas menores ou mais flexíveis, conforme as peculiaridades de cada setor produtivo, é o caminho mais acertado para todos.

» **Marcus A. Minervino,**
Lago Sul

Cultura

Em fevereiro último, abriram inscrições para a Lei Rouanet 2026. Infelizmente, a plataforma Salic, administrada pelo Ministério da Cultura (MinC), encontra-se inoperante. Os telefones de contato do MinC também não atendem. No ritmo que vai, serão comparados ao governo das trevas anterior ao atual. Experimentem saber o que acontece lá dentro. Uma plataforma idealizada para fomentar atividades culturais que não funciona não fomenta nada a não ser o obscurantismo e a inoperância reinantes de 2018-2022. Será que a ministra Margaret tem ciência da ineficiência do setor? Será que se importa?

» **Fernando Santos,**
Brasília

STF na mira

O Congresso resolveu mirar no Supremo Tribunal Federal (STF) como se tentasse apagar incêndio com gasolina. Os senadores correm para instalar uma CPI contra ministros, os pedidos de impeachment se acumulam como se fossem senha de banco, e cada Poder finge que está apenas “cumprindo seu papel”. A ironia? Ninguém mais lembra qual era o papel original. Só querem aparecer na mídia.

» **Paccelli M. Zahler,**
Sudoeste

Direita

A direita não projeta um mundo novo; ela apenas liberta o que havia de mais retrógrado e represado. É um movimento avesso à cultura, à universidade e ao pensamento crítico. Em vez de evolução, entregam o retrocesso: uma tentativa de restaurar o padrão normativo do século 19. Aos que dizem não suportar a cor vermelha, o conselho é simples: não sofram, troquem o próprio sangue por tinta guache. A extrema-direita, por onde passa, define a educação, as instituições e a saúde. Onde põem a mão, a destruição é o método, a ignorância, o modelo, o ódio, o sentimento.

» **Gilberto Pereira Tiriba,**
Santos (SP)

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Mulher — Vida e luz no meu caminho

Ainda nesta noite ainda, errante e em busca da estrela matutina, só acordei na luz do teu semblante, com o madrigal de tua voz divina.

No dia em que te vi chegar distante, fui contemplar teus olhos de menina.

Achei que o sol brilhava radiante em cada gesto teu, que me fascina.

Tu és a luz acesa em meu caminho, que me conduz cercado de carinho no ecossistema do teu coração.

E assim não andarei nunca sozinho, no mundo sem destino e em desalinho, enquanto me guiar as tuas mãos.

Souza Prudente — Brasília

Enquanto o Brasil tiver deputados, senadores e ministros do STF serviços de presidente e ex-presidente, não chegaremos a lugar nenhum.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Epstein

Ah, arquivos Epstein, fostes capaz de iniciar uma guerra! A situação do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, diante das recentes descobertas nos arquivos abertos, que indicam participação ativa na pecaminosa ilha de Jeffrey Epstein, agravou-se consideravelmente. Somem-se a isso as novas revelações, a inflação, as desastrosas operações do ICE contra imigrantes e a proximidade das eleições de meio de mandato nos EUA, fatores que impulsionaram os ataques ao Irã. Ali Khamenei não era o mocinho, mas Trump e Netanyahu estão a anos-luz de qualquer ideia de bondade.

» **Marcus Aurelio de Carvalho,**
Santos (SP)



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Trump, o libertador (?)

A “excursão de curto prazo” de Donald Trump deixou, pelo caminho, mais de 1.200 cadáveres e um país arrasado pelas bombas. Sob a pretensão de libertar os 93 milhões de iranianos do jugo de um regime teocrático islâmico, o presidente dos Estados Unidos iniciou uma guerra sem saber como terminaria. Arrastou todo o Oriente Médio para o caos. De quebra, derrubou mercados do mundo inteiro, ao minimizar o fator “economia” e não levar em conta que o Irã poderia fechar o Estreito de Ormuz, interrompendo o tráfego de navios em uma área responsável pelo escoamento de 25% do petróleo mundial.

Oito dias depois do assassinato do aiatolá Ali Khamenei, a Assembleia dos Experts — órgão consultivo de 88 clérigos iranianos — escolheu Mojtaba Khamenei, filho do falecido líder supremo, para sucedê-lo no cargo de autoridade máxima do Irã e autoridade do xiismo, uma das correntes do islã. Qualquer pessoa medianamente inteligente perceberia que a eleição de Mojtaba foi uma resposta ao próprio Trump. A mensagem é a seguinte: o regime segue de pé. Mesmo que a morte de Ali Khamenei tenha sido um golpe ressonante no sistema de poder dos aiatolás, a ferida foi rapidamente estancada.

Se Trump acredita que pode replicar o modelo de governo da Venezuela pós-Maduro no Irã, está seriamente enganado. A guerra no Oriente Médio conta com a participação ativa de Israel, considera o inimigo mortal dos iranianos. Os Estados Unidos também são vistos por grande

parte dos xiitas, especialmente pelos mais fundamentalistas, como o “Grande Satã”. É ridículo supor que o país persa aceitaria negociar com tais agressores uma paz forçosamente artificial.

Megalomaniaco por convicção, Trump parece rejeitar os riscos de uma mal engendrada aventura bélica. Em ano eleitoral, quando os Estados Unidos renovarão parte do Legislativo, e os republicanos podem perder maioria no Senado e na Câmara dos Representantes, qualquer medida que coloque em xeque a integridade física de civis e militares pode surtir danos políticos para Trump.

Até o momento em que escrevo este artigo, sete soldados americanos haviam morrido na guerra. O risco de atentados contra cidadãos e interesses dos Estados Unidos pode reverter-se em prejuízo para o republicano. O “libertador” da Casa Branca pode ter transformado o mundo em um ambiente muito mais inseguro. Não é preciso ser gênio para prever que o antiameericanismo e o antisemitismo crescerão muito, especialmente entre os muçulmanos. No rastro do ódio, podem vir atentados terroristas e atos violentos contra cidadãos dos Estados Unidos e de Israel.

Nem terminou a guerra no Irã, Trump ameaçou Cuba. O presidente avisou que o regime comunista da ilha caribenha também cairá. Longe de ser um Simón Bolívar dos tempos modernos, o republicano provavelmente abandonará os cubanos à própria sorte. Afinal de contas, a única coisa que conta realmente para os Estados Unidos é o “money”.

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
 Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1588. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br